

**GRESCYELLY NEVES BATISTA
& ANDRÉ FURTADO**

ÁLBUM DE ANTEPASSADOS:

**SUBSÍDIOS PARA UM OUTRO ENSINO
DE HISTÓRIA EM CANAÃ DOS CARAJÁS (PARÁ)**





ÁLBUM DE ANTEPASSADOS



**GRESCYELLY NEVES BATISTA
ANDRÉ FURTADO**

ÁLBUM DE ANTEPASSADOS:

**SUBSÍDIOS PARA UM OUTRO ENSINO DE
HISTÓRIA EM CANAÃ DOS CARAJÁS (PARÁ)**



Copyright © by Autores
Copyright © 2024 Editora Cabana
Copyright do texto © 2024 Os autores

Todos os direitos desta edição reservados
© Direitos autorais, 2024, autores.

O conteúdo desta obra é de exclusiva
responsabilidade dos autores.

Diagramação, projeto gráfico e capa: Eder Ferreira Monteiro

Edição e coordenação editorial: Ernesto Padovani Netto

Revisão: Os autores

Imagem de capa: “Vasilha reconstituída” – Projeto Arqueologia Preventiva na Área do Níquel do Vermelho (2005-2007) | Fundação Casa de Cultura de Marabá (Pará – PA).

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Batista, Grescyelly Neves.

Álbum de antepassados: subsídios para um outro ensino de história em Canaã dos Carajás (Pará) /
Grescyelly Neves Batista, André Furtado. – Ananindeua-PA: Cabana, 2024.

107 p. : il., fotos.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Inclui bibliografia

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-85733-22-9

1. Ensino de história. 2. Memória. I. Batista, Grescyelly Neves. II. Furtado, André. III. Título.

CDD 907

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático

I. Ensino de história



[2024]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N ° 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
contato@editoracabana.com
www.editoracabana.com

Realização:



PROF**HISTÓRIA**



UNIFESSPA

A História Comparada, uma vez que se torne mais fácil de conhecer e de usar, animará com seu espírito os estudos locais, sem os quais não pode fazer nada, mas que sem ela a nada conduzem

(Marc Bloch)

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação Tecnológica
Instituto de Estudos do Trópico Úmido

Fundação Amazônia Paraense de Amparo à Pesquisa

**Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História
Polo do Campus Xinguara**

Gestão do Profhistória / Unifesspa, 2022-2025:

Prof. Dr. Bruno Silva – Coordenador
Profa. Dra. Anna Carolina de Abreu Coelho – Vice-Coordenadora
Ma. Alessandra do Nascimento Santana Inácio – Secretaria

Corpo Docente do Profhistória / Unifesspa:

Prof. Dr. André Furtado
Profa. Dra. Anna Carolina de Abreu Coelho
Prof. Dr. Bruno Silva
Prof. Dr. Carlo Guimarães Monti
Prof. Dr. Daniel Brasil Justi
Prof. Dr. Davison Hugo Rocha Alves
Prof. Dr. Eduardo de Melo Salgueiro
Prof. Dr. Flavio Gatti
Prof. Dr. Heraldo Márcio Galvão Júnior
Profa. Dra. Karla Leandro Rascke
Prof. Dr. Laécio Rocha de Sena
Profa. Dra. Lucélia Cardoso Cavalcante
Profa. Dra. Valeria Moreira Coelho de Melo

Esta publicação integra a dissertação intitulada *Arqueologia do silêncio: novos tempos para o Ensino de História em Canaã dos Carajás (Pará)*, de Grescyelly Neves Batista, como parte de sua intervenção pedagógica / didática sob orientação do Prof. Dr. André Furtado junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Xinguara

**Conselho Científico da Faculdade de História (FHT) e do
ProfHistória / Unifesspa (2024-2026)**

Profa. Dra. Cristina Ferreira
(Fundação Universidade Regional de Blumenau – Furb, Brasil)
Profa. Dra. Hevelly Acruche
(Universidade Federal de Juiz de Fora – Ufjf, Brasil)
Profa. Dra. Juliana Vasco Acosta
(Universidad de Antioquia – UdA, Colômbia)
Profa. Dra. María Fernanda Galindo
(Université du Québec à Montréal – Uqàm, Canadá)
Profa. Dra. Natália De Santanna Guerellus
(Université Jean Moulin – Lyon 3, França)

ProfHistória / FHT

**Centro de Estudos em Teorias da História e Historiografias –
Cethas / Unifesspa**

Secretaria Municipal de Educação de Canaã dos Carajás – SEMED

Secretaria de Estado de Educação do Pará – SEDUC

Idealização:



Parceria:



Fomento:



Apoio interinstitucional:



Núcleo de Arqueologia, Etnologia e Educação Patrimonial
Folha 31, Quadra Especial, Lote 01 – Nova Marabá,
Caixa Postal 172, Código de Endereço Postal (CEP) 68508-970,
Marabá (PA). Contatos - Telefone: (94) 3322-2315,
E-mail: etnologia@casadaculturademaraba.org

Dedicamos este Álbum a todos os estudantes, egressos e atuais, da rede nacional do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória), bem como aos professores da Educação Básica brasileira, em geral, e paraense, em particular, além, é claro, aos educandos de todo este imenso país.

SUMÁRIO

Apresentação.....	16
Imagem 1.....	23
Imagem 2.....	25
Imagem 3.....	27
Imagem 4.....	29
Imagem 5.....	31
Imagem 6.....	33
Imagem 7.....	35
Imagem 8.....	37
Imagem 9.....	39
Imagem 10.....	41
Imagem 11.....	43
Imagem 12.....	45
Imagem 13.....	47
Imagem 14.....	49
Imagem 15.....	51
Imagem 16.....	53
Imagem 17.....	55
Imagem 18.....	57
Imagem 19.....	59
Imagem 20.....	61
Por uma História Comparada no Ensino de História.....	64
Índice Remissivo.....	97
Créditos e Referências.....	99
Sobre os Autores.....	102

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio financeiro por meio do fomento, com bolsa de estudos, que ajudou enormemente o desenvolvimento da dissertação que está na origem desta publicação, complementando-a como intervenção pedagógica / didática do ProfHistória, polo do Campus Xinguara, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).



APRESENTAÇÃO

Bem-vindos a uma viagem fascinante através das *Eras*, na qual os passados se revelam em cada fragmento ou artefato para enfatizar aos nossos olhos a necessidade de preservar a memória e a identidade de um povo e de uma sociedade, sendo tal gesto um dos principais legados que se pode deixar às gerações futuras.

Assim, com o objetivo de valorizar parte do Patrimônio Histórico e Arqueológico de Canaã dos Carajás, no Pará, é que foi elaborado e minuciosamente organizado este rico material, que permitirá produzir conhecimento e compartilhar importantes informações sobre os tempos idos da região que, a despeito de nosso desconhecimento quase total a seu respeito, ecoam nos dias que correm.

Os registros antigos deste município, localizado no coração do estado paraense, emerge feito um convite à reflexão sobre os seus passados, impacta sobre o presente (ainda que não notemos!) e garante hoje e ao amanhã a possibilidade de apropriação de saberes essenciais para docentes e pesquisadores, educandos e curiosos, bem como para a comunidade, em geral, por meio da oferta

desta intervenção pedagógica / didática que poderá servir de apoio às atividades realizadas em sala de aula da Educação Básica.

Isso porque o Álbum que o leitor tem em mãos é fruto da dissertação intitulada *Arqueologia do silêncio: novos tempos para o Ensino de História em Canaã dos Carajás (Pará)* e corresponde a um dos principais resultados deste estudo desenvolvido por uma das autoras que vos fala aqui, a Professora Grescyelly Neves Batista, sob orientação do Professor André Furtado, que também subcreve o trabalho ora publicado.

A pesquisa em apreço foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), *Campus* Xinguara, e, agora, é veiculada na sua dimensão educativa para evocar a riqueza da História Local. Porém não a isolando do mundo e sim permitindo que cada observador atente aos seus nexos além-fronteiras, uma vez que os vestígios reunidos neste livro permitirão comparar a antiguidade e técnicas de nossos antepassados com os processos às vezes melhor conhecidos e explorados de outras temporalidades e espacialidades.

Desse modo, pode-se dizer que o conjunto destas páginas se anunciam como um instrumento catalisador para um Ensino de História mais envolvente e significativo.

Assim, este *Álbum* se configura como um material dinâmico, capaz de transportar o leitor a muitos passados, conectando-o emocional e intelectualmente com suas raízes sociais, políticas,

culturais... sejam elas nítidas ou até as desconhecidas, por meio de registros imagéticos / fotográficos criteriosamente selecionados.

Busca-se, ainda, ao expor essa profícua fonte de informações, subsidiar o processo de ensino-aprendizagem de forma prazerosa aos interlocutores da Educação, favorecendo, quem sabe, uma abordagem interdisciplinar entre a História e os Estudos Amazônicos, mas também entre a Geografia, as Artes, a Biologia... e até – por que não? – igualmente a Matemática, dada a antiguidade dos objetos capturados pelas lentes dos fotógrafos! Afinal, a proposta do Álbum transcende os limites comumente usados no Ensino de História e oportuniza a possibilidade de se conectar com outras áreas do saber, promovendo uma compreensão mais abrangente a propósito desses legados.

Além disso, a presente publicação incentiva a participação ativa na pesquisa, interpretação e apresentação de suas descobertas, estimulando a autonomia intelectual do público interessado. Portanto, esperamos poder despertar uma perspectiva educativa aliada ao desejo de conhecer. Até porque o material exposto e as narrativas históricas que ele pode fazer ecoar são marcadas por uma diversidade de vozes, cujos traços fizeram parte da vida desses povos pretéritos e moldaram suas sociedades ao longo dos tempos.

Nosso Álbum é composto, ao todo, por vinte (20) imagens e/ou fotografias, cujos enquadramentos e *flashes* são, em sua maioria, provenientes de estudos que se concentraram no em torno de

dois morros do município de Canaã de Carajás, localizado no vale do rio Parauapebas, afluente do Itacaiúnas pela sua margem direita, no sudeste do estado do Pará, e que faz parte da chamada Região da Grande Carajás.

Muitos dos registros aqui expostos foram extraídas do projeto *Arqueologia Preventiva na Área do Níquel do Vermelho*, desenvolvido pela *Scientia Consultoria*, entre os anos de 2005 e 2007, de acordo com as diretrizes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da Vale do Rio Doce Sociedade Anônima (Vale S. A.).

Conforme estudos da ocasião, o material arqueológico exumado contabilizou mais de trinta e cinco mil (35.000) peças, sendo a maioria delas, mais de noventa por cento (90%), de fragmentos cerâmicos. O farto material ajuda a compreender a diversidade e a dinâmica da ocupação da Amazônia ao menos um milênio e meio antes do contato com os europeus.

Isso porque, em toda Canaã dos Carajás, os sítios arqueológicos mais antigos possuem cerca de dois mil anos (2.000) e, os mais recentes, quinhentos (500).

Adicionalmente, a reprodução das imagens foi autorizada pela Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM), de modo que deixamos aqui o reconhecimento e o registro de nosso agradecimento especial ao Núcleo de Arqueologia, Etnologia e Educação Patrimonial da instituição e aos nomes da Professora Doutora Mirtes Manaças e ao Professor Mestre Isaque Souza, que atuam no setor junto à FCCM.

Após observar cada um dos registros de mapas e/ou fotos, os leitores, em geral, e os educadores, em particular, deparar-se-ão com uma proposta reflexiva que sinaliza para os potenciais didático-pedagógicos dos usos da História Comparada em sala de aula, por meio de breves apontamentos de ordem sobretudo historiográfica, que visa colocar professores da Educação Básica em diálogo com algumas notas a respeito do método comparativo.

Convém salientar, ainda, que a presença de muitas cerâmicas, diversos ossos, dentes e conchas, bem como carvão e outros resíduos de uso domésticos nos perfis de sedimentos indica que essas terras pretas são sítios arqueológicos de ocupação humana e, provavelmente, também de uso agrícola.

Neste sentido, acreditamos vivamente que este *Álbum de Antepassados: subsídios para um outro Ensino de História em Canaã dos Carajás (Pará)* possa não apenas auxiliar na educação histórica / patrimonial, mas também oferecer caminhos possíveis em prol da promoção do respeito à diversidade e pluralidades culturais, uma vez que a História Comparada tende a valorizar esses vestígios. Desse modo, ajuda a destacar as contribuições de diferentes e múltiplos grupos que, historicamente, integraram ou seguem fazendo parte dos passados que inscrevem as peculiaridades da região no transcorrer das *Eras*, sem, no entanto, apartá-los de seus tempos e jamais isolando-os no mundo.

É por tudo isso que desejamos bons estudos, miradas e contemplações!



ÁLBUM DE ANTEPASSADOS

IMAGEM 1



Mapa-múndi com destaque
para o continente Americano

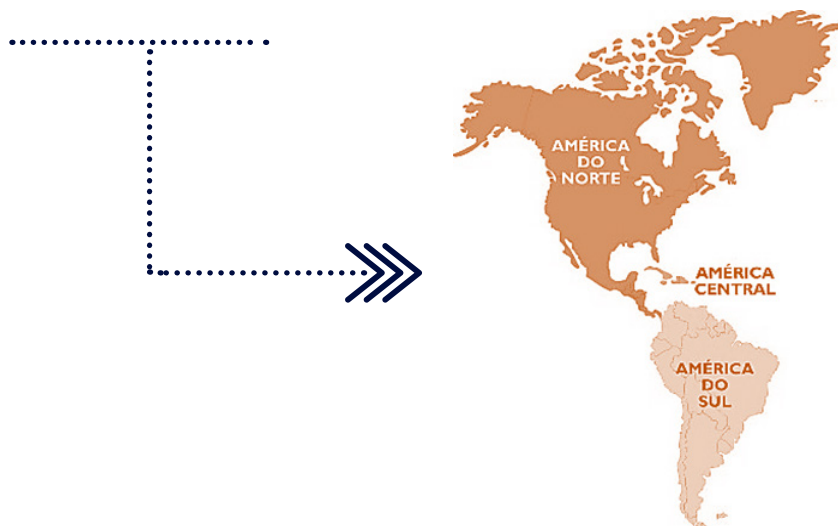


IMAGEM 2



Mapa do Brasil com destaque
para o estado do Pará



IMAGEM 3



Mapa do Pará com destaque
para a área de estudo em Canaã
dos Carajás

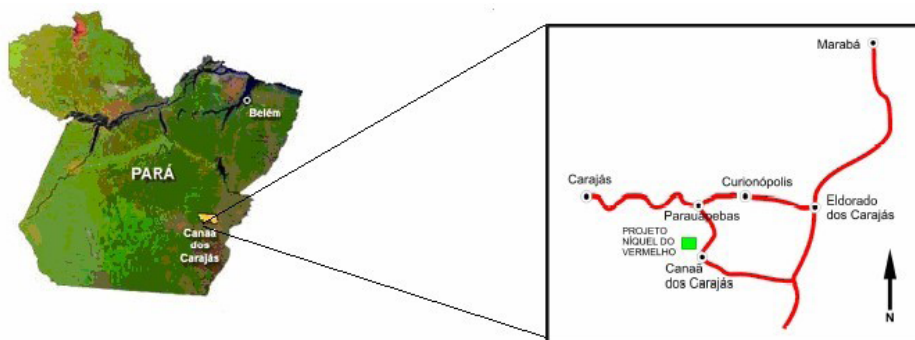


IMAGEM 4



Vista geral dos sítios
arqueológicos



IMAGEM 5



Fragmentos ósseos (setas)



IMAGEM 6



Potes (números 2 e 9)



IMAGEM 17



Potes (números 3 e 4)



IMAGEM 8



Escavação de um sepultamento



IMAGEM 9



Artefato em madeira



IMAGE 10



Fragmento de bojo com pintura
composta por linhas vermelhas na
face interna



IMAGEM 11



Topo do recipiente



IMAGEM 12



Base do pote cerâmico



IMAGEM 13



Vista do fragmento de um fêmur



IMAGEM 14



Vasilha reconstituída



NV14

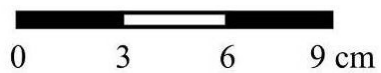


IMAGEM 15



Dentes humanos (molar e inciso),
exumados nas escavações do sítio
arqueológico NV-XIV



IMAGEM 16



Machado polido exumado



IMAGEM 17



Machado polido exumado



IMAGEM 18



Ponta em quartzo



IMAGEM 19



Pote com decoração plástica
incisa exumado



IMAGEM 20



Pote com decoração plástica
incisa exumado





POR UMA HISTÓRIA COMPARADA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Vivemos, na atualidade, em tempos de exposições excessivas a informações e inúmeros revisionismos que atingem em cheio o campo da História. Mas apesar dessa avalanche, que é proporcionada, sobretudo, pelo mundo digital que nos cerca e nos constrange dia-a-dia, pouco desses dados circulam na *internet* e em redes sociais a partir de bases consistentes e, por esse motivo, não podemos considerá-los totalmente confiáveis. Até porque eles são, muitas vezes, alimentados por movimentos cujos fundamentos são discursos marcados por um viés anticientífico inédito em nossas sociedades.

Diante dessa constatação, visível sob variados ângulos e que se observa a olho nu, fica evidenciado que o papel do educador, assim como a construção do *saber escolar*, ganha maior importância para a formação de cidadãos absolutamente capazes de selecionar, ler e analisar diferentes situações, posicionando-se em cada uma delas de maneira crítica e consciente.

É com essa perspectiva que este *Álbum de Antepassados: subsídios para um outro Ensino de História em Canaã dos Carajás (Pará)*, buscou reunir, nas páginas anteriores, um conjunto de imagens oriundas de pesquisas sólidas, produzidas por instituições responsáveis e catalogadas, aqui, mediante um processo que envolveu uma investigação feita junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), *Campus Xinguara*.

O resultado da pesquisa em apreço, como já se apontou neste livro, foi uma dissertação que, por sua vez, propõe-se agora a refletir a partir do âmbito da História Comparada para um melhor usufruto da área de concentração do mestrado em tela, especialmente quando da atuação dos nossos colegas docentes em sala de aula.

A ideia consiste em auxiliar, com a discussão a seguir, as possíveis intervenções didáticas viabilizadas por professores que atuam em escolas dos mais diversos rincões do país. Seu planejamento pode encontrar, nessas laudas, um material aliado para a difícil missão que, no cotidiano educacional, é permanente, qual seja: o compromisso do *métier* de formar cidadãos.

Neste sentido, atentos às questões prementes da contemporaneidade, é preciso ficarmos alertas quanto aos apelos do presente, tornando o estudo dos passados mais significativos para os processos educacionais, porque importantes não para aprender com os erros já cometidos e construir um futuro melhor, tomando tais eventuais equívocos como exemplos a serem evitados: essa tópica,

em realidade, integra o conceito antigo de História, que vigorou até o século XVIII, mas que já não nos satisfaz há aproximadamente trezentos anos. Uma perspectiva moderna há de aprimorar este entendimento: e não faltam opções!

Cabe-nos, isto sim, à luz dos tempos idos, compreender as artes e artimanhas de Clio para não ficarmos imóveis na hora atual e, desse modo, conseguirmos agir, no presente, sempre que necessário, em prol do respeito à democracia, mas não só. Faz-se mister que, nessa toada, busquemos a ampliação e a valorização dos Direitos Humanos, que trabalhem as questões de gênero, combatamos o racismo e toda horda de preconceitos, sejamos responsáveis com a sustentabilidade do planeta, enfrentemos as desigualdades sociais, cerremos fileiras em defesa de uma Educação de qualidade, entre outras iniciativas que, não temos dúvidas, poderão fortalecer toda uma sociedade, promovendo o bem-estar e ampliando os horizontes da cidadania no Brasil, esse direito tão precioso e conquistado a duras penas no país.

Assim, caso você, leitor, deseje acessar referências e debates mais direta e explicitamente vinculados ao campo do Ensino de História – que tem crescido muito, aliás, em particular com o fortalecimento do referido ProfHistória que, este ano, iniciará os processos para implementar o Doutorado – será preciso consultar o trabalho desenvolvido e defendido. Este pode ser acessado na plataforma intitulada *Educação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (EduCapes), sob o título de *Arqueologia*

do silêncio: novos tempos para o Ensino de História em Canaã dos Carajás (Pará), de autoria da docente que vos fala aqui, a Professora Grescyelly Neves Batista, sob orientação de outro interlocutor nas páginas que correm, a saber: o Professor André Furtado.

Com efeito, nas próximas laudas, os colegas que atuam no magistério, qualquer que seja o segmento, poderá mobilizar, interagir e adaptar as reflexões abaixo para – quem sabe? – elaborar uma atividade em sala de aula que tome a História Comparada enquanto suporte teórico-metodológico na construção de um Ensino de História e uma Educação significativos. Isso desde que consigamos manter o viés crítico e democrático, justamente porque a proposta objetiva estabelecer uma interação aberta ao diálogo e ao contraditório nos processos de ensino-aprendizagem. Por essa razão reunimos alguns dos principais estudiosos da matéria com o intuito de estimular a criatividade dos saberes escolares e viabilizar trocas entre docentes e educandos. Daí porque esperamos que o percurso seja estimulante e, sobretudo, proveitoso.

A partir de reflexões de Marc Bloch, Roger Chartier, Bénédict Zimmermann, Carlos Antonio Aguirre Rojas, Christophe Charle, Ciro Flamarion Cardoso, Hector Pérez Brignoli, Heinz-Gerhard Haupt, Paul Veyne, Jürgen Kocka, Jörn Rüsen etc., pretendemos dar a ler uma breve revisão historiográfica panorâmica sobre o assunto, de modo a potencializar seus usos em sala de aula, por intermédio de metodologias ativas. O Ensino de História, por certo, agradece, pois só conseguiremos valorizar os passados locais se

conectarmos eles com o mundo, outras temporalidades e realidades, sendo esta uma forma de dar visibilidade à História da região. Isso porque, no caso de Canaã dos Carajás, ênfase desse *Álbum de Antepassados*, estamos lidando com vestígios arqueológicos que são, praticamente, desconhecidos, não se acham em muitas quantidades disponíveis em museus (que, infelizmente, ainda são pouco numerosos no estado do Pará, com várias cidades sem um espaço sequer de salvaguarda ou preservação, por mínimo que seja) e quase não circulam em materiais didáticos.

A partir das imagens reunidas nesta publicação, somados aos debates de viés historiográfico que estão na sequência desta exposição, estamos certos de que serão possíveis o preparo e a realização de atividades escolares pautadas na premissa da valorização, pelo método comparativo, dos passados de Canaã. Convém adentrar, portanto, sem mais delongas, nas reflexões sobre História Comparada: desejamos, assim, que você, caro leitor, tenha uma excelente leitura e incontáveis trocas intelectuais conosco!

No começo do século XXI, ao abordar as temáticas sobre a História Global que fora tema do 19º Congresso Internacional das Ciências Históricas ocorrido em agosto de 2000 em Oslo, capital da Noruega, o historiador Roger Chartier lembrou a edição do mesmo evento e cidade que, no ano de 1928, contou não apenas

com a participação, mas também com a proposição de Marc Bloch em defesa de uma *História Comparada das sociedades europeias*. Ato contínuo, deu sequência aos seus comentários, desta vez direcionando-os aos trabalhos de Serge Gruzinski e Sanjay Subrahmanyam a propósito dos intentos em prol de novos tipos de comparações, além Velho Mundo, que pudessem dar conta da realidade social. Na perspectiva renovada, a questão em tela corresponde, segundo Chartier, a enfatizar as interações, atentar às transferências etc., porém, distante de uma relação puramente morfológica com as formas de trocas estabelecidas nesses processos. Em sua versão atualizada, Roger Chartier interroga se essa nova História Comparada não deve ser atenta às dimensões planetárias assumidas no mundo a partir, especialmente, da chamada Era Moderna, perguntando-se se esta não

Deverá ser entendida como a identificação de diferentes espaços, ou “regiões” no sentido braudeliano do termo, que encontram a sua unidade histórica nas redes de relações e trocas que as constituem, independentemente da soberania do Estado? Ou será que esta história deve ser vista, sobretudo, como uma história de contatos, de encontros, de aculturação e de mestiçagem? [Tradução livre].¹

Antes de chegar a esse ponto e perspectivas, no entanto, é preciso compreender que o uso da comparação diz respeito a quase

¹ CHARTIER, Roger. La conscience de la globalité (commentaire). *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, 56^e année, n. 1, p. 119-123, 2001, p. 119.

toda operação cognitiva das práticas científicas, ainda que a sistematização de seu método, no campo da História, estivesse ligada, inicialmente – de acordo com Bénédicte Zimmermann – a eventos políticos que se arrastaram até fins do século XX. Estes conferiram horizontes de possibilidades para a emergência dos debates responsáveis pelas alterações mediante as quais passaram os procedimentos investigativos em tela. Daí porque a proposta saiu de uma posição hegemônica dos Estados-Nações como unidades de análise privilegiada (até os anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, 1939-1945) ao entendimento de interdependência que hoje pesa sobre tais estudos (em particular no pós-1989, com o fim da União Soviética e da bipolarização mais acentuada, a queda do muro de Berlim etc.). O problema, seguindo de perto Zimmermann, é que, malgrado os esforços de décadas, a discussão precisa enfrentar os desafios dos recortes locais, regionais e, sobretudo, nacionais, pois estes constituem, ainda, o fundamento da escrita da História. Ora,

A essência da comparação reside na comparação fundamentada de entidades diferentes, de preferência equivalentes, a fim de esclarecer uma questão ou um problema comum de forma contrastada, salientando as diferenças e as semelhanças. A escolha da escala de comparação é decisiva: implica a opção por um foco que, por uma questão de simetria, será idêntico para cada uma das entidades. Quer a comparação se faça a um nível subnacional ou supranacional, quer privilegie uma escala micro ou macro, toma geral-

mente como ponto de partida categorias e factos estabelecidos por tradições historiográficas, elas próprias formatadas histórica e nacionalmente [tradução livre].²

Para Carlos Antonio Aguirre Rojas, no alvorecer do presente século, por sua vez, vivenciamos uma nova mirada. Isso porque estamos, segundo ele, diante de comparações que visam aquilo que se cruza ou se conecta. Todas essas possibilidades ajudam os estudos históricos, seja no ambiente universitário ou em salas de aula da Educação Básica, tanto para abordar aspectos macros quanto para circunstanciar elementos micros das sociedades e dos homens no tempo. Tudo depende muito do recorte que se almeja conceder à pesquisa. Estudos voltados para o domínio da historiografia apontam dois principais dados interessantes nas mudanças ocorridas na produção da História – que, embora tenham se confirmado mais explicitamente no pós-1989 – iniciaram já com os meados de 1968. O primeiro deles é que houve uma redefinição das relações e alianças entre o *métier* do historiador e os das outras Ciências Humanas e Sociais; e, o segundo, é que não cabe mais entendimentos de historiografias como mais ou menos hegemônicas, pois se deve considerar, hoje, a existência de um movimento policêntrico a revelar inovações de todas as partes do mundo, com alternativas plurais às construções dos conhecimentos históricos locais, regionais, na-

2 ZIMMERMANN, Bénédicte. Histoire Comparée, Histoire Croisée. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (dirs.). *Historiographies* (vol. I). Paris: Éditions Gallimard, 2010, p. 171.

cionais, globais, tão caros e imperiosos ao ambiente escolar e, nele, especialmente ao Ensino de História, ênfase da presente reflexão. Neste sentido, Aguirre Rojas salienta que

Tal processo representa um movimento plurifacético e complexo, com muitas e distintas arestas, cujo sentido geral não é o de renunciar aos modelos gerais à macro história, mas sim o de voltar a nivelar a balança da análise histórica, re-introduzindo junto das coordenadas estruturais e mais universais da história todo um conjunto de dimensões histórico-concretas. Assim, restituindo as várias dialéticas entre geral / particular, macro / micro, estrutura / atores, economia / cultura, poder / resistência, global / regional-local, normas / casos e centros / margens, os historiadores pós-1968 tornaram novamente complexo o ofício do historiador, reintroduzindo com nova forma o papel ativo e criador dos sujeitos históricos na construção de sua própria história. Com isso, fizeram eco e deram mais uma vez sentido à consigna de 1968, aparentemente paradoxal, mas completamente realizável, que recomendava sabiamente: “sejamos realistas, exijamos o impossível”.³

Christophe Charle, por sua vez, enfatiza que existe, em realidade, antes de tudo um mal-estar na historiografia em torno do que seria mais adequado enquanto metodologia de estudo (se História Comparada, Cruzada, Emaranhada, Conectada, Global etc.).

³ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *A historiografia no século XX: História e historiadores entre 1848 e... 2025?* São Paulo: Edusp, 2017, p. 111.

De todo modo, em sua avaliação, quaisquer que sejam as predileções enfim adotadas ou assumidas, o fato é que, todas elas são tendências que ajudam a enfraquecer as matrizes nacionalistas das operações do ofício. Assim, nessa toada, o que se observa é que essas perspectivas viabilizam uma escrita da História mais complexa – ainda que redundam, igualmente, em disputas acadêmicas – fazendo jus aos passados e, conseqüentemente, tornando viáveis um ensino mais plural, menos dicotômico e, particularmente, transformador em potencial. Nas palavras de Charle, é preciso, no entanto,

aprofundar um pouco os reais pontos de divergência, [pois] percebemos que eles se referem a nuances de ênfase, a terrenos de pesquisa específicos que sugerem problemáticas diferentes, devido às fontes e aos métodos a serem mobilizados, aos diálogos privilegiados com esta ou aquela ciência social (antropologia *versus* sociologia, abordagem cultural *versus* abordagem estrutural etc.), às ambições opostas de intervenção no debate público (opção ocidentalista *versus* opção pelas sociedades não ocidentais, relações de dominação *versus* relações de troca), ou ainda as recomendações mais ou menos adaptadas segundo os ramos da historiografia privilegiada.⁴

Quando da análise, portanto, de sociedades não-ocidentais ou não-europeias – avançando sobre a proposta seminal de Bloch – acabamos nos deparando com procedimentos ligados a cruza-

⁴ CHARLE, Christophe. *Homo Historicus*: reflexões sobre a História, os historiadores e as Ciências Sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 202.

mentos de passados. Estes foram se desenvolvendo a tal ponto que resultaram na emergência de um outro tipo de olhar, de sorte que se constituíram sob a alcunha de História Cruzada (uma variação e um melhoramento da antiga História Comparada). Assim, apesar de ter se baseado em movimentos iniciados pelos estudos das transferências, o viés dos cruzamentos não pretende substituir a avaliação dos *transfers* ou das comparações. Seu uso em sala de aula pode ser interessantíssimo porque nos permite construir, juntos, o conhecimento histórico via processos de ensino-aprendizagem que, por sua própria natureza, demandam que façamos cruzamentos de dados, comparações de pontos de vista, transferências de todo tipo para estimular o senso crítico dos educandos por intermédio de uma Educação, democrática e cidadã, que são as metas de proa de todo e qualquer Ensino de História digno deste nome. Nos termos de Bénédicte Zimmermann, o conjunto dessas miradas (comparada, cruzada, conectada, emaranhada, global etc.) convergem para uma complementariedade de *modus operandi* e jamais para a anulação deste ou daquele procedimento. Segundo este historiador, bem ao invés disso, o que está em jogo, nos dias que correm, é a tentativa de retomar

questões e objetos que lhes são inacessíveis, colocando em evidência processos de interação, de constituição e de transformação. Ao contrário das abordagens anteriores, não circunscreve de antemão as cenas e os espaços relevantes para a análise, mas identifica-os

no decurso da própria investigação em função das intersecções próprias do objeto de estudo. [Tradução livre].⁵

Seja como for, ao adotarmos o estudo dos tempos idos através de uma prática fundamentalmente comparativa, de saída precisa saber que se faz necessário o uso de contrastes ou paralelos para se inferir acerca dos passados. No entanto, nem todo conhecimento que utiliza tal procedimento é considerada História Comparada e seu uso não deve ser feito de forma aleatória. Nem a produção acadêmica tampouco as salas de aula da Educação Básica se prestam a esse viés anticientífico. Com efeito, a escrita e o Ensino de História comparatista corresponde a uma abordagem metodológica que visa analisar distintas sociedades, em períodos semelhantes ou em épocas distanciadas para identificar padrões, similaridades e diferenças. Tais aspectos não seriam evidentes se avaliados isoladamente, de sorte que a perspectiva em tela permite uma análise mais aprofundada, a despeito das disputas intelectuais que engendra. Isso porque ajuda a distinguir entre fenômenos ou circunstâncias específicas daqueles que possuem características mais universais, conforme apontaram Ciro Flamarion Cardoso e Hector Pérez Brignoli. Para eles, muito já se discutiu acerca de sua validade heurística, sendo que

5 ZIMMERMANN, Bénédicte. Histoire Comparée, Histoire Croisée. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (dirs.). *Historiographies* (vol. I). Paris: Éditions Gallimard, 2010, p. 173.

A polêmica entre os defensores e os detratores da comparação na história pode ser tida como a manifestação, no campo da disciplina, da oposição entre duas atitudes científicas, ambas possivelmente necessárias: por um lado a busca da precisão, do exato, do certo, o que leva a destacar o caráter individual e único de cada objeto observado; por outro lado, a “corrida criadora para as verdadeiras descobertas”, que exige o apelo à comparação e à abstração.⁶

Além disso, a História Comparada auxilia a desafiar visões etnocêntricas e desconstruir conceitos amplamente aceitos ao demonstrar que eles se manifestam de maneiras desiguais em diversos cenários tempo-espaciais. Daí a sua forte contribuição, em potencial, a todo Ensino de História atento às questões historiográficas prementes de seu tempo. Afinal, a mirada comparativa incentiva à inovação dos procedimentos metodológicos e se volta, sobretudo, à interdisciplinaridade, posto que, muitas vezes, envolve a necessidade de colaboração com outros domínios das Ciências Humanas e Sociais, para ficar apenas com essas duas grandes áreas, de acordo com Heinz-Gerhard Haupt. Isso, por si só, deveria ser tomado como um dado que justifica as incursões, hoje mais em voga que ao tempo do Congresso de Oslo de 1928, no sentido de fundamentar práticas educacionais que busquem a participação dos estudantes. Contudo, deve-se atentar, igualmente – tanto nas pesquisas acadêmicas

6 CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In: _____. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 410.

quanto nas investigações que preparam as aulas do Ensino de História –, ao risco de se fazer generalizações excessivas, perdendo nuances e particularidades de sociedades tempo-espacialmente determinadas ou de períodos históricos. Para Haupt,

estudos partindo de uma problemática comum podem analisar estruturas, processos e mentalidades em duas ou mais sociedades, seja para acentuar diferenças, seja para encorajar analogias, de qualquer maneira, para ampliar a base documentária e propor uma interpretação das evoluções baseadas no conhecimento de realidades sociais, econômicas e políticas diferentes.⁷

Ademais, nem sempre é fácil encontrar objetos de estudos verdadeiramente compatíveis, o que redundaria em comparações forçadas, podendo haver ainda uma certa assimetria de acesso às fontes disponíveis para grupos humanos dissemelhantes no tempo e no espaço. Mesmo porque alguns deles, volta e meia, possuem registros em abundância enquanto que outros não, levando ao desequilíbrio do *modus operandi* porventura adotado, segundo Paul Veyne. No mais, ao tentar comparar (seja na universidade ou na Educação Básica), os historiadores não podem simplificar ou ignorar complexidades para tornar os casos sob análise mais encaixados em busca de padrões. Afinal de contas, faz-se imperioso aceitar os desafios do método comparativo que precisam ser abordados com

7 HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Ed.Ufrj / FGV, 1998, p. 211.

cautela, sendo o Ensino de História o espaço ideal para essas práticas educativas. Outra questão meritória de destaque e que serve a ambos os saberes, o acadêmico e o escolar, diz respeito, nos termos de Veyne, ao fato de

que toda História, mesmo que não deliberadamente, torna-se uma História Comparada; isto é, uma História que separa, sabendo por que o faz; o direito romano [por exemplo] conquista seu lugar numa tipologia dos diferentes direitos e se distingue deles por variáveis originais, que, desta vez, sabemos exprimir com todas as letras.⁸

E como ocorre com qualquer procedimento investigativo, o sucesso da utilização dos recursos comparativos depende também, em parte, das habilidades e dos cuidados do pesquisador-educador, de modo que se torna necessário considerar suas principais e primeiras referências. Uma delas é, sem dúvida, a de Marc Bloch, já citado várias vezes aqui, pois, desde 1928, ele defendia o valor e a importância dessa abordagem por acreditar em seu potencial analítico para identificar aproximações e distanciamentos, padrões e anomalias. Além disso, Bloch frequentemente criticava a tendência de se escrever sobre os passados a partir de uma ótica estritamente nacionalista. Ele acreditava que essa visão era limitada e ignorava as complexas interações entre diferentes culturas, defendendo a ideia segundo a qual a História deveria adotar abordagens in-

8 VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 46-47.

terdisciplinares, com a Sociologia, a Antropologia e a Geografia, por exemplo, para enriquecer sua compreensão dos fenômenos que constituíram as estruturas sócio-políticas, o mundo econômico, as formas de pensar etc. Tal cenário, quando posto em prática, certamente gera bons frutos para o Ensino de História, que é o campo dileto da reflexão e intervenção didáticas ora propostas, ainda que essas interpretações não apareçam nos textos das referências aqui citadas. Convém, assim, nos apropriarmos desses debates, fazendo-os chegar em salas de aula da Educação Básica. Afinal, de acordo com Marc Bloch,

O método comparativo pode muito; considero a sua generalização e o seu aperfeiçoamento uma das necessidades mais permanentes que hoje se impõem aos estudos históricos. Mas não pode tudo: em ciência, não há talismãs. E não se inventa. Já deu as suas provas em várias ciências do homem. A sua aplicação à história das instituições políticas, econômicas e jurídicas foi muitas vezes recomendada. É visível, porém, que a maior parte dos historiadores, no fundo, não se converteram; dizem educadamente que sim e retomam o serviço sem nada mudarem nos seus hábitos. Por quê? Talvez porque os deixaram acreditar com demasiada facilidade que a história comparada era um capítulo da filosofia da história ou da sociologia geral.⁹

⁹ BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias (1928). In: _____. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 119-120.

Seja como for, o fato é que, conforme defendem Cardoso e Brignoli, todo cuidado é pouco. Eles alertam para os perigos da comparação simplista ou mal fundamentada. Para evitar isso, convém considerar ao menos duas abordagens. A primeira seria aquela que compara sociedades que são mais ou menos contemporâneas e possuem muitas semelhanças estruturais. Esse tipo de comparação é geralmente mais direto e oferece um uso seguro do método. A segunda, por sua vez, expande os procedimentos da História Comparada para sociedades muito diferentes entre si ou distantes temporalmente, sendo, portanto, repleta de desafios. O principal deles sendo o risco de cair no anacronismo, ou seja: atribuir ao passado determinadas categorias, formas de agir e pensar, comportamentos, horizontes de expectativas etc. que são nossos, fazendo a análise perder em historicidade. Ora, uma comparação histórica deve ser feita com cuidado para evitar conclusões apressadas ou generalizações excessivas e a atenção deve ser redobrada nas salas de aula da Educação Básica, pois os educandos, que não são profissionais do ofício, precisam do educador para dialogar com eles a esse respeito, buscando preservar as historicidades de cada configuração, evitando que se avalie os passados fora de seus respectivos tempos. Convém, via Ensino de História, preservar cada especificidade. Conforme sinalizam Ciro Flamarion Cardoso e Hector Pérez Brignoli,

O primeiro perigo que ameaça o pesquisador que aplica o método comparativo é o de cometer anacronismos, ao confundir analogias superficiais

com similitudes profundas, sobretudo em se tratando de sociedades estruturalmente bem diversas, ou muito afastadas no tempo. A extensão presente dos estudos comparativos de sociedades escravistas da América esclarece melhor as armadilhas que a comparação histórica pode esconder, e o modo de evitá-las. Assim, por exemplo, os defeitos da comparação de Cuba com Virgínia – empreendida por Herbert Klein, demonstram que a contemporaneidade [...] não é garantia suficiente de que as sociedades em estudo sejam, de fato, comparáveis além de uma simples constatação das diferenças. Eugene Genovese recomenda que sejam tomadas as sociedades a comparar, em épocas diferentes se necessário, mas em etapas comparáveis – ao mesmo tempo conjuntural e estruturalmente – de seu desenvolvimento, apesar da grande dificuldade decorrente de considerá-las em contextos históricos globais diversos.¹⁰

Daí a importância da observação dos fatos e suas historicidades, pois, segundo Gabriela de Lima Grecco e Cássio Alan Abreu Albernaz, o procedimento investigativo da História que adota a comparação das configurações produzidas no tempo e no espaço para tomá-los em seu conjunto, similares ou distintos, deve, antes de qualquer coisa, apresentar somente analogias, longe, portanto, do anacronismo. Mas não se trata de quaisquer proximidades. Corresponde, sobretudo, a identificações análogas quanto à na-

10 CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In: _____. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 413-414.

tureza dos processos históricos sob análise, de modo que se possa conferir sentido ao objeto de estudo. Nessa direção, a prática docente do Ensino de História certamente tem muito a colaborar. Isso pode ser relativamente operacional e frutífero, para Grecco e Albarnaz, por exemplo em

alguns casos, [tais como] a noção de “nação” [que] permanece como uma unidade para pensar a comparação. Ela continua sendo uma importante unidade de comparação; decerto, não a única. Como afirma Haupt (2007, p. 18), “recentemente, a pesquisa comparativa tem demonstrado que é muito mais flexível e criativa tratando de diferentes unidades de comparação mais do que a ampla crítica do viés nacional tem afirmado”.¹¹

Na perspectiva e apontamentos de Bruno Gonçalves Álvaro, sabe-se que muito do que se propõe, hoje, no tocante às metodologias de vieses comparativos, advém de uma historiografia germânica – talvez marcada, palavras nossas, pela necessidade de expurgar os demônios de seu passado recente, como o nazismo, os holocaustos e a Segunda Guerra Mundial –, sem perder o que cada sociedade de temporalidades pretéritas possui de único. O interesse que esse tipo de tema desperta no Ensino de História são evidentes. Para Álvaro,

Mesmo reconhecendo a existência de diversos tipos de abordagem metodológicas de História

11 GRECCO, Gabriela de Lima; ALBERNAZ, Cássio Alan Abreu. Em que pensam os historiadores ao fazer história comparada? *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 240-260, set./dez. 2019, p. 254.

Comparada, temos, já algum tempo nos baseado nos estudos empreendidos pelo historiador alemão Jürgen Kocka. Ele ressalta que “comparar em História significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas singularidades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetos intelectuais”. [...]. Esta preocupação está em sintonia com a proposta de Kocka, quando afirma que o ato de comparação pressupõe a separação analítica dos casos a serem comparados.¹²

Heuristicamente falando, o método ou a abordagem comparativa é uma das poucas que permite inventariar questionamentos e problemáticas que, de outra forma, por certo se perderiam. Na acepção de Kocka, antes citado, pode-se sublinhar que, analiticamente, o procedimento da História Comparada pavimenta o levantamento das interrogações sobre as causas dos acontecimentos. Já do ponto de vista paradigmático, Jürgen Kocka enfatiza que “a comparação ajuda o sujeito a se distanciar do caso que ele conhece intimamente, da ‘sua própria história’”.¹³ Ora, não seria essa uma das funções elementares da Educação Básica e, nela, fechando mais o compasso, do Ensino de História? Não almejam os procedimentos didáticos dos processos educacionais a promoção do distanciamento crítico dos

12 ÁLVARO, Bruno Gonçalves. Um estudo comparativo do poder senhorial-episcopal em Castela e Leão no século XII. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 41-76, jan./jun. 2017, p. 48. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/10981/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2023.

13 KOCKA, Jürgen. Comparação e além. *History and Theory*, Middletow, n. 42, feb. 2003 [Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante], p. 2.

alunos para que estes possam enxergar o mundo de forma autônoma? Daí que Ronaldo Cardoso Alves, por sua vez, atento ao mesmo tipo de produção historiográfica, questionamentos e referência intelectual, sinaliza outros aspectos interessantes. Seguindo as ideias de Kocka, Alves frisa que estamos diante da tentativa de acentuar o papel das formas de refletir sobre algo, enquanto fator passível de conferir alguma unicidade à humanidade. Tal gesto tem se revelado cada vez mais necessário na atualidade e, particularmente, considerando que essas perspectivas ganham espaço entre aqueles que viveram o maior potencial destrutivo da existência ao longo do século XX, sobretudo com o testemunho do uso de bombas atômicas, em agosto de 1945, como foram os casos das sociedades envolvidas com a Segunda Guerra Mundial, como é o caso da Alemanha de Jürgen Kocka. Com efeito, segundo Ronaldo Cardoso Alves,

A sucessão dos trabalhos desse autor alemão [Kocka] revela sua preocupação em discutir a ideia de que há uma necessidade de pensar historicamente comum a todos os seres humanos e, conseqüentemente, operações mentais cognitivas constitutivas que lhes são comuns, independentemente da cultura histórica da qual provenha. Obviamente uma leitura simplista e descontextualizada dessa última frase pode levar à compreensão de que se trata de uma teoria de caráter reducionista e hermético. [Mas] É exatamente o oposto.¹⁴

14 ALVES, Ronaldo Cardoso. História e Vida: o encontro epistemológico entre didática da história e educação histórica. *Revista História & Ensino*, Londrina, v. 19, n. 1, p. 49-69, jan./jun. 2013, p. 57.

Por isso a decisiva pergunta feita por Jörn Rüsen alguns anos atrás, nos seguintes termos: *como é possível comparar peculiaridades?* Ato contínuo, o historiador alemão salientou que é preciso mapear os componentes básicos e, paulatinamente, reconstruir suas facetas como quem recompõe uma relação de características em prol de uma síntese particular. Por isso sua ênfase sobre o papel da narrativa para a compreensão humana do passado. Em seus trabalhos, Rüsen frequentemente analisa como a História é concebida e representada em diferentes cenários. Ele argumenta que uma historiografia verdadeiramente comparativa e intercultural exige uma abordagem que vá além da simples comparação de fatos ou eventos. Trata-se de um esforço para compreender as lógicas subjacentes, às mentalidades e os *frameworks* narrativos que informam como diferentes culturas interpretam e criam representações acerca dos tempos idos. Nesse movimento, Jörn Rüsen se interroga nos seguintes termos:

Como a comparação intercultural deveria ser feita? Não basta pôr diferentes histórias da historiografia juntas. Isso poderia fornecer um útil e mesmo necessário panorama do conhecimento disponível até determinado momento, mas não se constitui em um tipo de comparação, uma vez que as diferentes acumulações de conhecimentos carecem de uma estrutura comum de organização cognitiva. Toda comparação precisa de um parâ-

Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/15535>>. Acesso em: 16 out. 2023.

metro organizativo. Antes de olhar para os materiais (textos, tradições orais, imagens, rituais, monumentos e assim por diante), é necessário saber que campo de coisas deve ser levado em consideração e de que maneira as descobertas nesse campo devem ser comparadas.¹⁵

Tais assertivas caem feito luvas para a reflexão do Ensino de História sem que se converta, no entanto, em manual ou receita didática, pois o viés crítico e analítico deve compor, invariavelmente, o horizonte da relação educador-educandos. Há que se atentar, ainda, qualquer que seja o encaminhamento investigativo adotado, para a urgência em se determinar o passo a passo da pesquisa ou da preparação da aula por meio dessas questões caras à História Comparada, para não girarmos em um vazio de senso comum e inviabilizar, assim, os procedimentos de verificação e prova inerentes ao fazer científico ou os processos de ensino-aprendizagem pautados em bases da renovação historiográfica. Por esse motivo, Carlos Eduardo da Costa Campos apregoa a imperiosidade de se fixar balizas e pontos de partida, apresentando as questões que importam ao ensino e à pesquisa, sinalizando para o caráter sistemáticos das práticas do *métier*, para um desempenho atento às nossas duas dimensões formativas, ou seja, a de professores-pesquisadores. Na avaliação de Costa Campos,

15 RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A História escrita: Teoria e História da Historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 116.

faz-se necessário estabelecer parâmetros para os estudos comparados, que estamos desenvolvendo na atualidade. A assertiva almeja prevenir a utilização do método como um possível subterfúgio para pesquisas sem comprometimento com o rigor acadêmico, as quais podem estar voltadas para exaltar elementos de interesse político ou social, em benefício de alguns setores da sociedade.¹⁶

Nessa linha, ao adotar uma abordagem comparativa, podemos retornar a Bloch que buscava superar as fronteiras nacionalistas que, invariavelmente, tendiam a negligenciar as interações entre distintos conjuntos socialmente constituídos. Ele argumentava que a História Comparada permitia uma compreensão mais ampla dos processos, revelando conexões e nexos que podem passar despercebidos em estudos isolados, atento à seleção e à análise das fontes históricas. Para Marc Bloch, a comparação histórica oferece diversos benefícios, tais como: o estímulo à pesquisa (mas também, sem dúvida e sobretudo, ao ensino), pois somos encorajados a explorar fenômenos específicos e determinar seus efeitos, extensões, ecos, sejam eles claramente perceptíveis ou mais sutis. A analogia na interpolação de curvas nos permite identificar elementos contínuos ou não, devido às lacunas existentes em nosso conhecimento que trabalha a partir de vestígios, podem soar descontínuos. Daí as possibilidades do uso da História Comparada como recurso didático

16 CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. A História Comparada e suas vertentes: uma revisão historiográfica. *Revista Historiae*, Rio Grande, n. 2 v. 3, p. 187-195, jan./jun. 2011, p. 193. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2618>>. Acesso em: 15 out. 2023.

para o Ensino de História, pois a interação com os educandos no processo de construção do conhecimento pode surtir bons efeitos nas atividades em sala de aula, quando, face aos passados estudados, cada aluno possa externar alguns paralelos a partir de suas realidades, bagagem de outros saberes e temporalidades já debatidas. Até porque, conforme defendeu Bloch,

A História Comparada, uma vez que se torne mais fácil de conhecer e de usar, animará com seu espírito os estudos locais, sem os quais não pode fazer nada, mas que sem ela a nada conduzem. Numa palavra, deixemos, por favor, de conversar eternamente entre histórias nacionais, sem o compreendermos. Um diálogo de surdos em que cada qual responde através das perguntas do outro é um velho artifício de comédia, bom para arrancar gargalhadas de um público bem-disposto; mas não é um exercício intelectual muito recomendável.¹⁷

Logo, não se trata de aproveitar os conhecimentos locais em prol de um saber que gire no vazio, por si e para si. Convém mobilizar essas leituras de mundo para integrar sociedades e partilhar tudo o que é humano: esse é o ponto. Assim, uma História Local que se quer renovada e didaticamente operacional, proveitosa do ponto de vista dos processos de ensino-aprendizagem, necessita atar o conjunto emaranhado de fios dos passados e não redundar em costuras isoladas, que não liguem os pontos de uma conjuntura em suas diferentes esca-

17 BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias (1928). In: _____. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 146.

las de observação: o local sim, mas também – por que não? – o regional, o nacional, o global etc. Além disso se poderá utilizar, no Ensino de História, a comparação mediante a consideração das experiências discentes que tendem a ser expressadas por narrativas tempo-espaacial localizadas.

Por isso, comparando passados ou os tempos atuais com os pretéritos, pode-se esclarecer certas diretrizes, distinguindo coincidências reais daquelas meramente fortuitas e descartando concordanças infundadas. O método da História Comparada, ademais, ajuda sobremaneira na investigação das raízes dos fenômenos sociais e auxilia na identificação de suas causas e motivações, impulsos e interações, aprimorando nossa compreensão das relações sócio historicamente configuradas. Atentos às questões dessa natureza e da inevitabilidade da História Comparada (sendo que as salas de aula costumam ser, por excelência, o espaço de suas operações, deliberadamente ou não), Cardoso e Brignoli, já citados, apontam que,

De qualquer modo, como Witold Kula o demonstra, nenhum trabalho científico, por mais limitado e monográfico que seja, pode dispensar totalmente o método comparativo, pois é impossível a introdução de novos elementos em um terreno qualquer do conhecimento sem compará-los com os já conhecidos; esta comparação, embora às vezes não explícita, é absolutamente necessária, pois, de outro modo, não se poderia dar um nome aos mencionados fenômenos novos.¹⁸

18 CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In:

Na avaliação de Heinz-Gerhard Haupt, é questão consiste em buscar compreender as complexidades e interações entre diferentes sociedades ao longo do tempo, argumentando que é preciso fugir de quaisquer etnocentrismos. Esse é, aliás, o perigo basilar de uma História Local que, nos dias atuais, ao ignorar as perspectivas de combate à quadra nacional como unidade diletta para a realização de pesquisa, acaba gerando, por seu turno, um regionalismo metodológico. Este tem se mostrado tão nocivo à análise crítica porque amputa os mil nexos da complexidade inerente aos passados humanos que gere um Ensino de História verdadeiramente transformador, posto que mais atento à diversidade do que a unicidade. Na leitura de Haupt,

a História Comparada não oferece uma metodologia confirmada. As perguntas que Lucette Valensi levanta devem, de fato, ser propostas de novo a propósito de cada tipo e cada exemplo de comparação: “Como decidir que dois objetos são comparáveis? Como compará-los? Que escala de observação adotar? E, sobretudo, porque comparar?”¹⁹

As respostas a essas perguntas, que não são simples, podem começar com um esboço de uma possível réplica a esse último questionamento: comparar para apreender tudo o que é verdadeiramente humano, ou seja, tudo aquilo que nos une, mas também atentar,

_____. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 410.

19 HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Ed.Ufrj / FGV, 1998, p. 211.

a partir do mesmo movimento investigativo e educacional, ao que nos torna plurais. Feito isso estará cumprida parte das missões didáticas de um Ensino de História crítico e democratizante. Afinal de contas, embora possamos encontrar desigualdades, injustiças, assimetrias, violências e toda sorte de infortúnios geradas em ou impostas às sociedades do passado, manter ou rechaçar tal *status quo* integra parte de nossas responsabilidades educativas na contemporaneidade no sentido de produzir reflexões. Ademais, conforme salientaram Gabriela de Lima Grecco e Cássio Alan Abreu Albernaz,

a História Comparada deve romper com a tendência dos historiadores para o paroquialismo, apresentando-se como um caminho para superar a limitação de uma historiografia nacionalista. Ou, ainda, como afirma Kocka (2003, p. 41), “a comparação ajuda a tornar o clima da pesquisa menos provinciano”.²⁰

Jörn Rüsen, já mencionado aqui, destaca que as culturas têm diferentes modos de perceber, interpretar e representar seus passados. Portanto, uma comparação puramente factual pode ser enganosa ou superficial. Para que este procedimento tenha eficácia, à pesquisa e ao Ensino de História, faz-se necessário e é, inclusive, crucial, entender as lógicas sociais subjacentes. Daí sua defesa por uma historiografia, entre saberes escolares e acadêmicos, que reco-

20 GRECCO, Gabriela de Lima; ALBERNAZ, Cássio Alan Abreu. Em que pensam os historiadores ao fazer história comparada? *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 240-260, set./dez. 2019, p. 254.

nheça e valorize a diversidade ao invés de impor uma única perspectiva ou padrão interpretativo dos tempos idos. Em resumo, Rüsen enfatiza quão imperiosa é uma abordagem epistemológica sensível que busque compreender o passado em seus próprios termos. Muito embora ele alerte, com muita acuidade e perspicácia, que

Não se pode evitar o conflito entre engajamento e interesse relativo à identidade histórica das pessoas cuja historiografia pode e deve ser comparada. Esse engajamento e interesse têm de ser sistematicamente levado em conta; têm de se refletir sobre eles, explica-los e discuti-los. Há pelo menos um meio sistemático de fazê-lo, que dá oportunidade para o discernimento compreensivo e o conhecimento e para a concordância potencial e o consenso entre aqueles que se sentem comprometidos com uma compreensão rigorosa das diferentes culturas em questão. Eu penso na teoria, ou seja, um certo modo de refletir sobre e explicar os conceitos e as estratégias de comparação. Somente por meio da reflexão teoricamente informada nós poderemos evitar ou corrigir qualquer imperialismo cultural oculto ou perspectiva equivocada no conhecimento comparativo.²¹

Não por outros motivos Paul Veyne já havia apregoado que a História não é uma versão menos desenvolvida do presente. Ele destaca que as sociedades e civilizações antigas tinham lógicas e valores completamente diferentes dos nossos, de modo que somen-

21 RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A História escrita: Teoria e História da Historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 117.

te uma narrativa devidamente embasada em evidências ajudará a trazê-los à existência.²² Conforme destaca Veyne – e isso é de suma importância para o Ensino de História –, é possível individualizar os eventos e processos históricos sem necessariamente associá-los a um específico ponto no *continuum* espaço-temporal. Assim, considerando que tudo está conectado, comparar não é apenas necessário, mas incontornável.

Prezados colegas professores! Após esse conjunto de reflexões sobre História Comparada, esperamos que muitas perguntas estejam pululando em suas cabeças, seguros de que as trocas intelectuais com os debates acima certamente estimularão a criatividade, a perícia e toda a *expertise* já consolidadas em suas práticas docentes em prol de um Ensino de História de qualidade, democrático e formativo da cidadania em nosso país.

Nosso desejo é que o material possa servir para a realização de atividades didáticas voltadas ao viés comparativo que oportunize a emergência de significados e, assim, consiga formar uma espécie de consciência histórica que permita valorizar os passados quase nada conhecidos de Canaã dos Carajás, no Estado do Pará, bem como de tantas outras cidades paraenses que tenham achados de mesma natureza ou semelhantes.

22 VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Cabe-nos, como professores-pesquisadores, explorar essas circunstâncias, pois elas correspondem a um conjunto de temáticas que, via de regra, despertam muita curiosidade e, por isso mesmo, detém um enorme potencial educativo.

As imagens que integram esse *Álbum de Antepassados* fazem parte – como já foi dito, mas cuja proximidade com o término da presente reflexão convém repisar –, da proposição da pesquisa de mestrado realizada junto ao ProfHistória da Unifesspa, do Instituto de Estudos do Trópico Úmido (Ietu), *Campus Xinguara*.

A dissertação defendida sob o título de *Arqueologia do silêncio: novos tempos para o Ensino de História em Canaã dos Carajás (Pará)*, de minha autoria, Professora, hoje Mestra, Grescyelly Neves Batista, contou com fomento da Capes e a orientação do Professor Doutor André Furtado. Frisamos isso porque foi a partir dessa interação (tal como o diálogo que a elaboração desse livro se propõe) que se chegou à ideia de viabilizar um material que pudesse ser utilizado como parâmetro do começo, ao menos, de um *modus operandi* comparativo entre os vestígios arqueológicos de Canaã com outras sociedades e períodos, visando conferir a dimensão da importância desses artefatos.

Como eles possuem, aproximadamente, entre 2 mil (os mais antigos) e 500 anos (os mais recentes), por certo ficam aqui as sugestões para que suas peças sejam comparadas, em termos de idade, com o tempo da Muralha da China, que detém cerca de 2.200 anos; ou o Coliseu, em Roma, na Itália, que possui quase dois milênios; ou Machu Picchu, no Peru, que tem em torno de seis séculos;

ou ainda, mais longe, o Taj Mahal, na Índia, que possui quase 400 anos; ou até mesmo outros vestígios convertidos em relíquias, tais como: os manuscritos do Mar Morto, que banha Israel, a Cisjordânia e a Jordânia, no Oriente Médio; ou a *Lignu Crucis*, suposto pedaço da madeira que fora usado para a crucificação de Jesus de Nazaré, hoje protegida em um mosteiro franciscano da Espanha, sendo ambos igualmente com cerca de 2 mil anos de idade.

Os casos comparáveis acima são excelentes enquanto pontos de partida. Afinal de contas, tais exemplos, mais conhecidos e presentes em livros didáticos ou de circulação e reprodução mais eficientes mundo afora, poderão ajudar no esforço de valorização da História Local em apreço. Não só pelo fato de haver aí, pelo método da História Comparada, uma proximidade e, por vezes, até uma contemporaneidade temporal em suas construções, feitura e emergências, mas porque, tal como o ogro da lenda de que nos fala Marc Bloch d'*Apologia da História ou O ofício de historiador* (1949 / 2001), antes amplamente citado, onde conseguirmos farejar carne humana, saberemos que ali residirá a nossa presa.

Vamos começar, portanto, a caçar esses passados, não como quem buscasse abater os tempos idos, mas com o interesse científico em benefício da construção de um saber escolar que se retroalimenta do conhecimento histórico municiando-o também no sentido de tornar esse saber circulável, participativo, acadêmico e didático, de uso em salas de aulas tanto das primeiras letras, dos ensinos Fundamental e Médio, quanto das universidades.

O desafio não é pequeno, mas o gigantismo da rede que o ProfHistória representa no país, hoje, por certo conseguirá, com a contribuição de cada um de nós em nossos espaços de atuação, transformar positivamente a Educação do Brasil no campo do Ensino de História, como já tem sido feito, aliás, há mais de uma década.

Assim, esperamos que este material possa dinamizar ainda mais as salas de aula do Brasil, em geral, e do Pará, em especial, com destaque, claro, para a cidade de Canaã dos Carajás, e que, ao término dessa jornada, nossos colegas professores possam dizer que, sim: a História Comparada se constitui enquanto uma via para valorizar passados desconhecidos, ignorados ou esquecidos, como é o caso em apreço. Neste sentido, o método comparativo tem a vantagem de conceder visibilidade às histórias locais, conectando-se a elas, dando a ler suas abrangências para além dos provincialismos e ao largo das limitadas fronteiras regionais que parecem cerrar tudo dentro de suas cercanias e, com isso, acabam por isolar acontecimentos e processos, sujeitos e sociedades, histórias e historiografias, vestígios e documentações.

Convém, dessa forma, entrincheirar-se no ofício em prol de novos combates, desnaturalizando os insulamentos que as narrativas ora locais ora nacionais converteram as sociedades pretéritas. Somente assim tornaremos o Ensino de História cada vez mais inclusivo: lute conosco, pois as batalhas estão apenas começando!

ÍNDICE REMISSIVO

Alunos, 89, 107.
Amazônia, 24.
Aproximações, 83.
Arqueologia, 22, 24, 71, 99.
Brasil, 71, 101, 110.
Canaã dos Carajás, 21, 22, 24, 25, 70, 72, 73, 74, 75, 81, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 109.
Comparação, 74, 75, 81, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 94, 95, 96, 97.
Conhecimento, 21, 24, 79, 80, 82, 90, 92, 93, 94, 97, 100.
Diferenças, 75, 80, 82, 86, 88.
Distanciamentos, 83.
Docentes, 21, 70, 72, 98
Educação, 23, 25, 71, 72, 79, 101, 109.
Educação Básica, 22, 25, 76, 80, 82, 84, 85, 88.
Educação Patrimonial, 24, 105.
Educandos, 21, 72, 79, 85, 93.
Ensino, 78, 89, 90, 91, 92.
Ensino de História, 22, 23, 25, 69, 70, 71, 72, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 109, 111.
Ensino-Aprendizagem, 23, 72, 79, 91, 93.
Espaço, 73, 82, 83, 86, 89, 94.
Estudantes, 81.
Fotografias, 23, 73.
História, 23, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 97.
História Comparada, 25, 69, 70, 72, 73, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 100, 101.
História Local, 22, 93, 95, 100.
Historicidade, 85, 86.
Método, 25, 73, 75, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 92, 94, 100, 101.
Metodologia, 72, 77, 87, 95, 72, 111.
Modus operandi, 79, 82, 99.
Pará, 21, 22, 24, 25, 30, 32, 70, 72, 73, 98, 99, 101.
Patrimônio, 21, 24.
Professores, 25, 70, 91, 98, 99, 101.
Região, 21, 24, 25, 73.
Saber escolar, 69, 72, 96, 100.
Saberes, 21, 72, 83, 93.
Sala de aula, 22, 25, 70, 72, 79, 84, 93
Similaridades, 80.
Tempo, 21, 22, 69, 71, 72, 76, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 90, 94, 95, 96, 97, 99, 100.
Temporalidade, 22, 23, 25, 69, 71, 72, 73, 87, 93, 96, 110.

CRÉDITOS E REFERÊNCIAS

Documentais:

Imagens do projeto *Arqueologia Preventiva na Área do Níquel do Vermelho*, desenvolvido pela *Scientia Consultoria*, entre 2005 e 2007 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) / Vale do Rio Doce Sociedade Anônima (Vale S. A.).

Núcleo de Arqueologia, Etnologia e Educação Patrimonial da Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM).

Bibliográficos:

ÁLVARO, Bruno Gonçalves. Um estudo comparativo do poder senhorial-episcopal em Castela e Leão no século XII. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 41-76, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/10981/pdf>>.

ALVES, Ronaldo Cardoso. História e Vida: o encontro epistemológico entre didática da história e educação histórica. *Revista História & Ensino*, Londrina, v. 19, n. 1, p. 49-69, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/15535>>.

BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias (1928). In: _____. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. A História Comparada e suas vertentes: uma revisão historiográfica. *Revista Historiae*, Rio Grande, n. 2 v. 3, p. 187-195, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2618>>.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In: _____. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CHARLE, Christophe. *Homo Historicus*: reflexões sobre a História, os historiadores e as Ciências Sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Rio de Janeiro: FGV, 2018.

CHARTIER, Roger. La conscience de la globalité (commentaire). *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, 56^a année, n. 1, p. 119-123, 2001.

GRECCO, Gabriela de Lima; ALBERNAZ, Cássio Alan Abreu. Em que pensam os historiadores ao fazer história comparada? *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 240-260, set./dez. 2019.

HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma História Comparada. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos*: campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: Ed.Ufrj / FGV, 1998.

KOCKA, Jürgen. Comparação e além. *History and Theory*, Middletow, n. 42, feb. 2003.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *A historiografia no século XX*: História e historiadores entre 1848 e... 2025? São Paulo: Edusp, 2017.

RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Juran-dir (org.). *A História escrita*: Teoria e História da Historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ZIMMERMANN, Bénédicte. Histoire Comparée, Histoire Croisée. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (dirs.). *Historiographies* (vol. I). Paris: Éditions Gallimard, 2010.

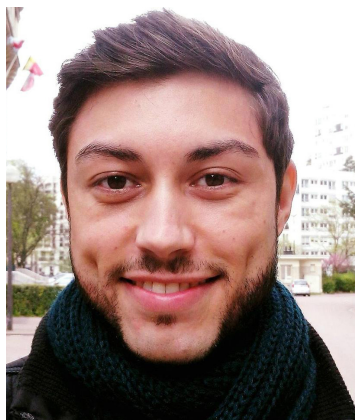
SOBRE OS AUTORES



Grescyelly Neves Batista é Professora de História da Secretaria Municipal e Estadual de Educação de Canaã dos Carajás (Semed e Seduc) e Mestre (2024) pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), *Campus Xinguara*. Durante o mestrado foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e, ainda hoje, integra o grupo de pesquisa intitulado Centro de Estudos em Teorias da

História e Historiografias (Cethas / Unifesspa). Tem especializações em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar (2017) pela Faculdade Patrocínio (FAP), em Gestão Educacional (2013) pela Faculdade Pitágoras (Uniminas), em Educação no Campo (2011) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (Ifpa), sendo Graduada com Licenciatura Plena em História (2009) pela Faculdade de Educação Santa Terezinha (Fest). É autora de capítulos de livros e artigos, com destaque para: *A inclusão de alunos autistas nas aulas de História: um relato de experiência* (em coautoria com outras colegas, junto à coletânea intitulada *Ensino de História: Histórias, memórias, perspectivas e interfaces*. Guarujá: Científica Digital, 2021); & *História, memória e documento: a importância da historiografia*

documental local para a difusão do saber (Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, Recife, 2023). Experiência e atuais interesses de pesquisa: Ensino de História, História Local, História Comparada, Imigrações, História Afro-Brasileira e Educação Antirracista. Contato: <grescyellybatista@gmail.com>.



André Furtado é Professor da Faculdade de História (FHT) e do ProffHistória da Unifesspa, *Campus* Xinguara, antes citado, onde também atua como Diretor da FHT e coordena o referido Cethas. Doutor (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), título obtido na condição de bolsista da Capes e estágio junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess / Paris).

Igualmente pela UFF, e com bolsa da mesma agência de fomento, concluiu o Mestrado (2014), sendo Licenciado e Bacharel em História (2010) pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (Furb). Sua tese, intitulada *Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado*, recebeu três

prêmios, um deles internacional. Realizou estágio junto ao Instituto de História (IHT) da UFF na condição de pesquisador bolsista do edital “Pós-Doutorado Nota 10 / PDR-10”, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), entre 2018 e 2020. É autor de artigos em revistas, no Brasil e no exterior, além de livros, como as publicações de sua dissertação e tese ou títulos em coautoria e coletâneas, tais como: *As edições do cânone. Da fase buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira, 1960-1972* (Niterói: Eduff, 2016); *Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado* (Niterói: Eduff, 2022); *Métisse Scientificté: Gilberto Freyre selon trois lecteurs français* (escrito com Giselle Martins Venancio. Aix-en-Provence: Le Poisson Volant Éditeur, 2022); *Travessias oitocentistas: relatos de viagem, temporalidades e imigração no Brasil* (organizado com Cristina Ferreira. Blumenau: Edifurb, 2022); *Passados impressos: estudos sobre a circulação de ideias, séculos XVII-XX* (organizado com Bruno Silva. Curitiba, CRV, 2018) etc. Atuais interesses de pesquisa: Teoria e Metodologia, Historiografia & Ensino de História, com ênfase na História do Livro, da Edição e da Leitura, Recepção e Autoria. Contato: <andre.furtado@unifesspa.edu.br>.

Formato:
19x20

Tipografia:
Century Schoolbook
BC Alphapipe



[2024]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N.º 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
contato@editoracabana.com
www.editoracabana.com

